

HISTÓRIA, ARQUEOLOGIA E NUMISMÁTICA: AS REPRESENTAÇÕES NO IMPÉRIO ROMANO TARDIO

Cláudio Umpierre Carlan¹

Resumo

O artigo começa com uma descrição da iconografia como documento histórico. A imagem na Antiguidade tinha uma função específica: apresentar a um determinado grupo social, em sua grande maioria analfabeto, algo que representasse a orla do poder. Ela não apenas legitimava um imperador ou rei, funcionava como uma espécie de propaganda política. Como *corpus* principal, apresentaremos a coleção numismática do Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro, importante acervo arqueológico brasileiro, ainda pouco estudado.

Palavras-Chaves

Moeda; poder; Roma; iconografia.

¹ Professor Doutor – Universidade Federal de Alfenas, Alfenas, Minas Gerais, Brasil. E-mail: carlanclaudio@gmail.com.

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.7, n.2 - 2022.2. p. 43-52.

DOI: 10.34024/herodoto.2022.v7.15473

Abstract

The article begins with a description of the iconography as document history. The image in Antiquity had a specific function: to present a particular social group, mostly illiterate, something that represented the edge of power. She not only legitimized an emperor or king, was a kind of propaganda. As a main corpus, we will present the numismatic collection of the National Museum of History, Rio de Janeiro, important archaeological collection Brazilian yet understudied

Keywords

Money; power; Rome; iconography.

Introdução

A utilização das moedas como fonte não é novidade. Não pretendemos aqui explorar todos aqueles que trilharam esse caminho, mas citaremos alguns autores que trabalharam com tal documentação. Quanto a nós, analisaremos a propaganda política representada pela iconografia, através de uma análise simples de conteúdo, tratando de identificar as conotações tanto históricas, quanto estéticas.

O homem, durante a sua passagem pelo planeta, desenvolveu diversas formas simbólicas, tanto artísticas quanto linguísticas, expressas pela sua consciência. Nesse sentido, a representação imagética, presente nos anversos e reversos monetários procurou ser universal, legitimando diversos regimes políticos.

A moeda, como documento, pode informar sobre os mais variados aspectos de uma sociedade. Tanto político e estatal, como jurídico, religioso, mitológico, estético.

A impressão iconográfica das peças monetárias, deixando-se de lado as inscrições, revela figuras diversas: animais, vegetais, brasões, objetos, edifícios e emblemas mais ou menos estilizados.

A sociedade contemporânea dificilmente pode ligar a moeda a um meio de comunicação entre povos distantes. Ao possuidor de uma determinada espécie monetária estranha, esta falava-lhe pelo metal nobre ou não em que era cunhada, pelo tipo e pela legenda.

O primeiro informava-o a riqueza de um reino e os outros dois elementos diziam-lhes algo sobre a arte, ou seja, o maior ou menor aperfeiçoamento técnico usado no fabrico do numerário circulante, sobre o poder emissor e, sobretudo, sobre a ideologia político-religiosa que lhe dava o corpo. É dentro deste último aspecto que pretendemos explorar a fonte numismática.

Geralmente, estas figuras referem-se ao local de cunhagem e à respectiva autoridade, designada de um modo claro para os seus contemporâneos por uma figura, uma atitude, ou atributos cujos significados hoje muitas vezes nos escapam.

Moedas e o estudo da Antiguidade Tardia

Apesar de não haver criações notáveis no período conhecido como Antiguidade Tardia, sobre as representações numismáticas, devemos citar que muitos reversos exibem o tema das portas de cidades, uma maneira dos imperadores demonstrarem seu interesse em manter a segurança da população quanto aos ataques “bárbaros”. As duas únicas exceções, de acordo com Gomes Marques, são as portas de Trèves, em um sólido de Constantino; e um medalhão que representa os portões de Londres, de Constâncio II (Marques, 1982: 133).

Existe uma controvérsia quanto a esta afirmação de Gomes Marques. Sears concorda com ele, identificando o anverso como os portões de Londres. Cohen afirma ser um campo militar ou praça forte. Dezesesseis das dezoito peças do acervo do MHN apresentam essa representação, uma estrela que, segundo RIC (Roman Imperial Coinage) e o próprio Cohen (Cohen, 1892: 437), identifica as moedas cunhadas no Oriente. Ao analisarmos os respectivos exergos ou linha de terra, achando ARLQ (Arles), RΩQ (Roma), SAMNTH (Antioquia), SMHA (Heracleia), SMNE (Nicomédia), SMKΓ (Sisico) entre outras, concordamos com os autores acima citados.

A partir do século III começa a haver uma variação das amoedações que trazem edifícios ou construções militares como tema. Neste caso devemos destacar uma certa originalidade da cunhagem, pois não foram encontradas outras representações iguais nas coleções referentes ao século IV, tanto no MHN como nos catálogos mais antigos por nós pesquisados.



Imagem 01: foto de Cláudio Umpierre Carlan, Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro, 1998.

Moeda do Imperador Constâncio II, filho e herdeiro político de Constantino I, o grande. Peça de bronze, denominada AE3, cunhada entre os anos de 324 e 337, em Nicomédia (exergo ou linha de terra SMNE, segunda casa monetária). Excelente visualização tanto do anverso quanto do reverso. No anverso, a legenda FL IVL CONSTANCIVS NOB C (Flávio Júlio Constâncio Nobilíssimo Cêsar, o título nobilíssimo era destinado aos *Heródoto*, Unifesp, Guarulhos, v.7, n.2 - 2022.2. p. 43-52.
DOI: 10.34024/herodoto.2022.v7.15473

membros da família imperial). Os detalhes do cabelo, manto e diadema estão muito bem representados. No reverso, aparece uma representação de construção, fortaleza ou catedral, com duas torres circulares e uma estrela logo acima. Segundo Cohen seria parte de um campo militar aberto. Gomes Marques acrescenta que, tanto as peças de Constâncio II como a de seu pai, Constantino, são as que melhor representam os temas que envolvem as construções.

Estado de conservação bem conservada (BC), de diâmetro de 1.01mm, peso de 2.17g, alto reverso 11 horas.

Muito desses *generais/governantes* permitiram o ingresso dos povos germanos, vulgarmente chamado de bárbaros, nas fronteiras imperiais. Porém, tinham que cultivar a terra, servir no exército romano, comandados por seus chefes, e vigiar as fronteiras. Mesmo assim, Aureliano, preocupado com quantidade de povos que entravam no império, mandou construir uma rede de fortificações, que servirá de modelo para os povos vindouros. Como podemos analisar na representação a seguir:



Imagem 02: foto de Cláudio Umpierre Carlan, agosto de 2007.

Portão São Paulo, Muralha de Aureliano, Roma, Itália. Muralha construída pelo Imperador Aureliano (214 ou 215 - 275), para impedir as invasões dos povos bárbaros. Dos 19 km originais, sobreviveram aproximadamente 12km. As paredes eram de 3,5 m de espessura, por 8 m de altura. Durante o governo do Imperador Honório (384 - 423), foram construídas as torres circulares (característica da Antiguidade Tardia) e ampliada a altura dos muros para 16 m. Inicialmente o portão recebeu o nome de Ostiense, porque era caminho do comércio para porto de Óstia (ânforas de vinho e azeite), via rio Tibre. Mais tarde, foi rebatizado de São Paulo. A frente do portão está na mesma direção que a Basílica de São Paulo, na mesma avenida. Hoje, localizada próxima a Estação Ostiense, no bairro de Testaccio, construído por Mussolini para abrigar a classe operária.

De acordo com o *Dicionário de Semiótica*, o significado do termo “construção”, aparece como um sinônimo de “artificial” opondo-se à “natural”, uma referência à ação do homem que transforma a natureza (Greimas; Courtés, 1979: 80). Em uma política imperial no qual a moeda tem um grande poder de circulação, os habitantes do vasto Império Romano tomariam conhecimento da obra realizada pelo seu governante. Além disso, ainda há o significado da segurança representada pela própria fortificação.

Essas legendas eram abreviaturas em latim, relacionadas com as imagens de anverso e reverso. Ocorrendo assim a união escrita / imagem. O receptor daquela peça, saberia identificar o seu governante, suas mensagens simbólicas. Existiam todas as espécies de signos, figuras geométricas, signo de pontuação, astros, animais, vegetais, brasões, que levavam uma mensagem governante / governado, ao vasto mundo romano.

Nas representações políticas a riqueza iconográfica está mais destacada no período da tetrarquia, mas não negligenciaremos os outros períodos da História Romana. Como exemplo, *PROVIDENTIA DEORVM, IOVI / HERCVLES* (Diocleciano e Maximiano juntos), *VIRTVTI AVGG, PAX* (figura feminina), *PRINCI A INVENTVTIS, BEATA* (Altar com os votos nas amoedações de Crispus), *PROVIDENTIA CAESS* (campo militar ou fortaleza, Constantino I e II, Constâncio II, Galo, Constante, Valentiniano I), a loba amamentando Rômulo e Remo (sem legenda, Constantino), *PROVIDENTIA AVGG* (campo militar, Licínio), *IOVI / CAESAR, VIRTVS* (Licínio filho), *CASTOR / POLVX* (Maxêncio); templo com a cúpula redonda, sem legenda, cunhado após à morte do filho de Maxêncio, Rômulo, ainda criança (alusão a nomeação de César no anverso).

A moeda mostra-se uma excelente fonte, pois, a partir de sua análise encontramos diversos aspectos que abrangem a série na sua totalidade. Ou seja, aspectos políticos, estatais, jurídicos, religiosos, econômicos, mitológicos, estéticos. Podendo informar sobre os mais variados retrospecto de uma sociedade. Ela testemunha determinadas relações culturais importante para o historiador. Mas também não podemos esquecer que a moeda como documento, não é reflexo de um simples aquecimento econômico, e sim trata-se de outro acontecimento paralelo. Uma materialidade, constituída por camadas sedimentares de interpretações: “o documento, é assim, pensado arqueologicamente como monumento (Jenkins, 2001: 11).

Infelizmente, em alguns centros acadêmicos brasileiros continuam presos ao modelo positivista e historicista do século XIX: “sem documentação textual, não existe História”. Esse pensamento prejudica tanto o trabalho sobre Mundo Antigo, quanto os estudos em Brasil Colônia, períodos em que a documentação escrita é mais rara e complexa. Assim, muitos jovens e promissores pesquisadores são afastados da Antiguidade, sendo obrigados a se adaptarem em outra linha de pesquisa, de preferência História do Brasil, séculos XIX e XX.

Muitas vezes esquecemos a ampliação da noção de documento, defendida pela Escola dos Annales, em 1930, descritas no livro *Combate pela História* Lucien Febvre:

...A história faz-se com documentos escritos, sem dúvida. Quando eles existem. Mas ela pode fazer-se, ela deve fazer-se sem documentos escritos, se os não houver. Com tudo o que o engenho do historiador pode permitir-lhe utilizar para fabricar o seu mel, à falta de flores habituais. Portanto, com palavras. Com signos. Com paisagens e telhas. Com formas de cultivo e ervas daninhas. Com eclipses da lua e cangas de bois. Com exames de pedras por geólogos e análises de espadas de metal por químicos. Numa palavra, com tudo aquilo que, pertence ao homem, depende do homem, serve o homem, exprime o homem, significa a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem... (Febvre, 1985: 249).

Em contrapartida, possuímos no Brasil, uma grande quantidade de documentação, iconográfica ou não, referente à Antiguidade Clássica. Há um imenso leque de ação para os jovens pesquisadores que querem trilhar por esse caminho. Muitas vezes nós professores desestimulamos ou ensinamos o caminho errado para os nossos alunos. Escolhemos o mais prático e fácil para eles, ou para nós. Indicamos um site na Internet ao invés da coleção de um museu. Tenho observado em muitos congressos, alunos apresentando imagens de sites poucos confiáveis, sem identificá-los adequadamente. Enquanto que a coleção do Museu Histórico Nacional, por exemplo, permanece fechada, pouco conhecida pelo mundo acadêmico.

Considerações Finais

O poder não pode ser apreendido pelo estudo do conflito, da luta e da resistência, a não ser em suas manifestações mais restritas. O poder não é característico de uma classe ou de uma elite dominante, nem pode ser atribuído a uma delas. Para Foucault o poder é uma estratégia atribuída as funções. O poder não se origina nem na política, nem na economia, e não

é ali que se encontram suas bases. Ele existe como uma rede infinitamente complexa de micropoderes, de relações de poder que permeiam todos os aspectos sociais. O poder não se reprime, mas também cria. Dentre todos esses aspectos, o mais polêmico de todos é a constatação que o poder cria a verdade e, portanto, a sua própria legitimação. Cabe aos historiadores identificar essa produção da verdade como uma função do poder (Hunt, 1995: 46).

A cunhagem monetária associada ao retrato e à propaganda configurava dois aspectos intimamente ligados em Roma. As moedas, por sua vez, associavam-se a um e a outro, também em forma muito íntima. Elas não apenas são instrumentos importantes para estabelecer a datação de documentos e eventos que chegaram até nós sem seu contexto original, como são de grande valia na nossa compreensão das imagens que contêm.

Nesse caso, a numismática conserva um fragmento da história do homem e, segundo Frère:

...se coloca hoje como uma disciplina científica através da qual podem ser estudados muitos aspectos de uma determinada sociedade...É uma ciência que tira da aridez do seu estudo grandes subsídios históricos (Frère, 1984: 11).

No Brasil o estudo da História Antiga sempre ficou legado a um segundo plano. Um local de pouca importância direcionada apenas pelo romantismo e curiosidade sobre civilizações exóticas a muito “desaparecidas”. O cinema tratou de reforçar esse romantismo exacerbado sobre o tema. Amor e aventura em um mundo perfeito, sem pobreza, miséria, fome. Apenas homens musculosos e mulheres curvilíneas (Carlan, 2008: 23).

Nas Universidades a ênfase e o maior destaque (principalmente verbos) são direcionados para as ciências exatas. Humanas, apenas relacionadas com Brasil. Por que estudar Antiguidade num país que não teve contato direto com as civilizações orientais e clássicas? Não “existem” documentos, leia-se fontes primárias, em nosso país que retratam esses povos? Qual estudante e pesquisador em Antiguidade que nunca ouviu essas críticas.

Esquecem da grande influência dessas civilizações na nossa sociedade contemporânea. Muitos costumes, cuja origem nem mais lembramos, estão ligados diretamente a esses povos. A língua (latim), as leis (Direito Romano), nas artes, nos ditados populares (gosto não se discute / tradução do provérbio latino *de gustibus non est disputandum*) (Funari, 2003: 96), o noivo que carrega a noiva nos braços (alusão ao rapto das Sabinas por

Rômulo). Enfim, uma civilização que deixou uma série de heranças, enraizadas em nós e na nossa sociedade.

Agradecimentos:

Aos amigos e mentores Pedro Paulo Funari, Filipe Silva e Carlos Fabião, pela oportunidade de trocarmos ideias: a Filipe Silva, Rachel dos Santos Funari, José Remesal, Ciro Flamarion Cardoso (in memoriam); ao apoio institucional da UNIFAL-MG, FAPEMIG, CEIPAC, CAPES e CNPQ.

A responsabilidade pelas ideias restringe-se ao autor.

Fontes Numismáticas

Acervo Numismático do Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro. Coleção referente aos Imperadores, *Augustus e Césares*, Imperatrizes e Usurpadores dos séculos III e IV. Moedas do Imperador Constâncio II. Medalheiro de Número 3; Lotes Números: 11 ao 37, dando um total de 1828 peças.

Referências

CARLAN, Cláudio Umpierre. *Antiguidade Clássica e Numismática: representações e pesquisas no ensino fundamental*. In: CHEVITARESE, André; CORNELLI, Gabriele; SILVA, Maria Aparecida Oliveira (Orgs.). *A Tradição Clássica e o Brasil*. Brasília: Fortium Editora, 2008.

CARLAN, Cláudio Umpierre. *Moeda e Poder em Roma: um mundo em transformação*. São Paulo: Annablume, 2013.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos*. 8a. ed. Tradução: Vera Costa e Silva, Raul de Sá Barbosa, Ângela Melim, Lúcia Melim. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1997.

CHEVITARESE, André Leonardo; CORNELLI, Gabriele. *Judaísmo, Cristianismo, Helenismo*. Ensaio sobre interações culturais no Mediterrâneo Antigo. Itu: Ottoni Editora, 2003.

COHEN, Henry. *Description Historique des Monnaies. Frappés Sous L'Empire Romain*. Communément Appelées Médailles Impériales. Deuxième

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.7, n.2 - 2022.2. p. 43-52.

DOI: 10.34024/herodoto.2022.v7.15473

Edition. Tome Septième e Huitième. Paris: Rollim e Feuardent, Éditeurs, 1880-1892.

FRÈRE, Hubert. *Numismática*. Uma Introdução aos Métodos e a Classificação. Tradução e Adaptação: Alain Costilhes e Maria Beatriz Florenzano. São Paulo: Sociedade Numismática Brasileira, 1984.

FEBVRE, Lucien. *Combates pela História*. 2a. ed. Tradução de Leonor Marinho Simões e Gisela Moniz. Lisboa: Editorial Presença Ltda, 1985.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. *A Vida Cotidiana na Roma Antiga*. São Paulo: Annablume, 2003.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. *A Renovação do Ensino de História Antiga*. In: KARNAL, Leandro (org.). *História em Sala de Aula*. São Paulo: Contexto, 2003.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu; CARLAN, Cláudio Umpierre. *Arqueologia Clássica e Numismática*. Textos didáticos n. 62. Campinas: UNICAMP; IFCH, 2007.

GREIMAS, Algirdas J.; COURTÉS, Joseph. *Dicionário de Semiótica*. Tradução de Alceu D. Lima, Diana L. P. de Barros, Eduardo P. Cañizal, Edward Lopes, Ignacio A. Silva, Maria José C. Sembra, Tieko Y. Miyazaki. São Paulo: Editora Cultrix, 1979.

HUNT, Lynn. *A Nova História Cultural*. Tradução de Jefferson Luís Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

JENKINS, Keith. *A História Repensada*. Tradução Mário Vilela. Revisão Técnica Margareth Rago. São Paulo: Contexto, 2001.

JUNGE, Ewald. *The Seaby Coin Encyclopaedia*. Second impression with revisions. London: British Library, 1994.

KENT, J.P.C. *Roman Coins*. Photographs by Max and Albert Hirmer. Department of Coins And Madals the British Museum. London: Thames and Hudson, 1978.

MARQUES, Mario Gomes. *Introdução à Numismática*. 1a. ed. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1982.

THE ROMAN IMPERIAL COINAGE. MATTINGLY, Harold; SUTHERLAND, C. H. V.; CARSON, R. A. G. (Eds). V. VI, VII, VIII. London: Spink and Sons Ltda, 1983.

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.7, n.2 - 2022.2. p. 43-52.
DOI: 10.34024/herodoto.2022.v7.15473